

Da noção de espíritos animais em René Descartes

Abraão Carvalho*

RESUMO

Na problemática do corpo o filósofo René Descartes a partir de suas investigações, sobretudo nas obras *O tratado do Homem* e *As paixões da alma*, pontua uma categoria que modernamente a neurociência irá fixar estudos, pormenorizando e identificando aquelas substâncias que atuam no corpo e que correspondem ao modo através do qual as sensações do corpo nos ocorrem e bem como podem atuar em nossos sentimentos ou afecções. Contudo, tais espíritos animais para Descartes consistem antes de tudo em uma matéria, que circula no próprio corpo, na medida em que tais espíritos correm através do sangue e recaem entre as concavidades do cérebro nos fazendo perceber, no caso específico do corpo, o modo através do qual os estímulos são recebidos. Todavia, ao chamarmos estas substâncias do próprio corpo que correm o sangue e incidem em nosso cérebro, que Descartes chama de espíritos animais, não são uniformemente compreendidos, de modo que para cada estímulo externo um tipo diferente dentre os espíritos animais são impulsionados no corpo. Em nossa investigação pretendemos indicar que tais espíritos animais funcionam como uma espécie de mediação entre corpo e alma, de modo que compreendemos os movimentos dos espíritos animais no corpo como algo que possui não somente sua direção que vai do próprio corpo até a alma, alma que é compreendida como pensamento, bem como, compreendemos que os movimentos dos espíritos animais possuem também sua direção inversa, a saber, como tendo início no pensamento que por seu turno ativa o movimento de certos espíritos animais no corpo.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo, alma, espíritos animais, Descartes.

* Artigo escrito tendo como orientação a professora Cláudia Murta no Programa de Mestrado/Filosofia/UFES, e tendo como apoio a sua disciplina oferecida naquela ocasião.

Dos “espíritos animais” como uma força vital ao corpo para Descartes

Na problemática tão arraigada na tradição da metafísica ocidental, a saber, o tema da relação entre corpo e alma, o filósofo francês René Descartes em seu livro publicado postumamente, de nome *O mundo ou o Tratado da luz/ O Homem*, com a intenção de, por mediação de uma cisão conceitual, entre corpo e alma, assim como através de uma radical reflexão filosófica que converge esforços em definir um e outro, em toda sua amplitude e dimensão, somos levados a despertar para uma compreensão de corpo e bem como o seu modo de mediação com a alma, que de certa maneira nos surpreende.

Neste movimento de pensamento, Descartes promove sua compreensão e observação em torno da problemática do corpo, de modo a primeiro tratá-lo com rigor, tanto em observações sobre o corpo quanto de reflexões acerca, para então em um momento posterior, tratar da alma enquanto problema metafísico. E é esta perspectiva que é deixada bem claro ao início da parte do livro em que Descartes promove esta delimitação de modo de pensamento, a saber, na parte do *Tratado* intitulada “O homem”:

“Esses homens serão compostos, como nós, de uma alma e de um corpo. É necessário que eu vos descreva, primeiramente, o corpo à parte, depois a alma também separadamente, e, enfim, que eu vos mostre como essas duas naturezas devem estar juntas e unidas, para compor os homens que se assemelham a nós.”¹

De todo, o curioso que nos levou a uma direção de investigação do que sejam os tais “espíritos animais” em Descartes, partiu da constatação de que esta categoria, conceito, nome, converge para si uma possibilidade muito sustentável de interpretação filosófica em torno da relação entre corpo e alma. Contudo, para que nos aproximemos de alguma noção do que significam os espíritos animais e sua posição e lugar na relação entre corpo e alma, precisamos nos conter, nesta mesma marcha de pensamento, aos limites e observações sobre o corpo, no qual se encontra a alma, sendo o homem aquilo que é o “composto”, de corpo e alma.

¹ O homem, de René Descartes; pág. 119-120.

Nesta perspectiva as observações de Descartes, como o filósofo nos ressalta, em relação às partes do corpo humano bem como suas descrições, “podem ser mostradas por algum especialista de anatomia”². No entanto, criar conceitos e definições a partir do corpo que possam estar envolvidos com a dinâmica através da qual a alma é afetada de súbito pelos sentidos, é o que Descartes nos apresenta de novo e curioso, a respeito da relação entre os afetos, sentimentos, e o corpo, seja em seu ir de encontro aos objetos, seja quando a alma presume estar tomada por este ou aquele estado de ânimo, afeto, ou nos termos de Descartes, paixão, recorrente que é, em sua perspectiva, da ebulição e condução destes tais espíritos animais no corpo.

Descartes compreendia que a manutenção da força vital do corpo era conhecida como “um certo vento muito sutil, ou antes uma chama muito viva”, que percorre as artérias através de partes do sangue, e que prescinde em conservar a substância do cérebro. E que esta força vital que percorre e mantém vivo o corpo dá-se o nome de espíritos animais. Assim lemos na seguinte passagem: “Quanto às partes do sangue que chegam ao cérebro, elas servem não só para nutrir e conservar a sua substância, mas também, principalmente, para produzir um certo vento muito sutil, ou antes uma chama muito viva e muito pura que é chamada de *espíritos animais*.”³ De acordo com o filósofo, neste movimento do sangue pelo corpo em sua direção à superfície e concavidades do cérebro, movidas pelo calor do coração (órgão), temos a passagem de simples substâncias que nutrem o cérebro, para o que ele chama de espíritos animais. É o que nos leva a crer a seguinte passagem do texto de Descartes:

“Assim, sem outra preparação nem mudança, a não ser que elas são separadas das maiores e que retém ainda a extrema rapidez que o calor do coração lhes deu, elas deixam de ter a forma do sangue e passam a se chamar espíritos animais.”⁴

² Idem, pág. 120.

³ Idem, pág. 129.

⁴ Idem, pág. 130.

Espíritos animais e a relação corpo-máquina

Segundo Descartes, esses espíritos animais na medida em que vão sendo dirigidos às concavidades do cérebro, tendem a realizar um movimento que vai dos poros para os nervos, e nesta posição, os espíritos animais através do sangue produzem tal força de modo a mover e alterar a forma dos músculos, que por sua vez promovem os movimentos dos membros. E é justo neste contexto que surge a associação do funcionamento de uma máquina e o funcionamento do corpo humano. Pois à máquina segue-se a analogia do corpo humano, ao qual abriga uma alma, que, sendo racional, tende a fomentar os movimentos do corpo, como nos demonstra um vestígio encontrado no texto de Descartes a respeito da relação entre corpo e alma: “Quando houver uma *alma racional* nessa máquina, ela terá sua principal sede no cérebro.”⁵ Logo em seguida o filósofo nos chama a atenção, que nesta sede da alma, que é o cérebro, deriva-se a capacidade e possibilidade de: “excitar, impedir ou mudar, de algum modo, seus movimentos”⁶, isto é, os movimentos do corpo.

É preciso neste ponto, precisamente em relação à noção que articula o corpo com a figura de uma máquina, um certo cuidado, para que um deslize ou deslocamento de compreensão possa ser evitado. Nos deparamos com questões decorrentes dessa articulação entre corpo e máquina, que de certo está no cerne da modernidade, sobretudo a partir da leitura dos trabalhos de Cláudia Murta encontrados no livro “Humanização, corpo, alma e paixões”. Nos trechos de nome: “Uma nova visão de mundo?”, “O homem-máquina” e “O homem-máquina ocidental”, encontramos um melhor esclarecimento em torno do debate que envolve a compreensão moderna de corpo como uma máquina, e seu decorrente deslocamento para a compreensão de homem-máquina.

O que Descartes propõe, com o recurso teórico de aproximar a relação entre corpo e máquina, reside em demarcar princípios filosóficos distintos, que preservam o que o filósofo chama de “privilégio metafísico” do homem, “que consiste no pensamento e que engaja

⁵ Idem, pág. 131.

⁶ Idem, pág. 131-132.

também a imortalidade de sua alma.” O que se afasta da compreensão de homem ocidental compreendido como homem máquina fundada na modernidade, como nos indica Cláudia Murta em relação à proposta de Descartes:

“A conseqüência desse tipo de pensar e viver a realidade do homem-ocidental é aquela que o reduz em seu próprio fazer-se, ou seja, construir-se máquina. O que confirma um monismo radical acreditando ao extremo na força da técnica sobre a vida. Tal ideia vem em muito se distanciar da então proposta por Descartes, que pensa o animal-máquina ser conseqüência do dualismo alma-corpo, ‘servindo para garantir ao homem seu privilégio metafísico, que consiste no pensamento e que engaja também a imortalidade de sua alma’.”⁷

Esta melhor contextualização do pensamento de Descartes, ainda segundo Cláudia Murta, se inscreve no século xviii, sobretudo em relação ao debate entre Descartes e as aproximações e distinções do pensamento de La Mettrie. Para este último, a compreensão fundada desde o materialismo, que afirma ser o homem uma máquina, e para aquele outro, a compreensão de que somente o corpo é uma máquina, e que o pensamento resguarda o seu “privilégio metafísico”, resultante de seu dualismo. A linha tênue que pode nos trazer grandes embaraços é melhor demarcada no texto de Cláudia Murta a fim de situar a distinção entre o pensamento de La Mettrie e Descartes:

“Julien de La Mettrie, em sua obra ‘O homem-máquina’, elabora uma tese própria para a sua época. No século xviii, quando o homem, a fim de justificar seu domínio à natureza, dela se distancia, intuitivamente associa a imagem do homem à de uma máquina, denunciando por viés o espírito de manipulação que o conduz. A proposta de Descartes, que descreve o funcionamento do corpo humano como uma máquina, é, assim, derivada numa afirmação outra, a afirmação de ser o homem uma máquina.”⁸

Contudo, a abertura de compreensão nos deixada por Descartes consiste em indicar um círculo de relações do próprio corpo, e que atravessa os nervos, músculos, cérebro, espíritos animais e membros, e se articulam desde uma dinâmica de movimentos muito fugaz e rápida,

⁷ Murta, Cláudia. Humanização, corpo, alma e paixões. Nead/UFES. Vitória/ES.2009; pág. 17.

⁸ Idem, pág. 23.

todavia, permanente na organização e manutenção da força vital do corpo e de sua condição de afetar a alma. Uma passagem encontrada neste *Tratado do Homem*, que nos desperta uma mais precisa compreensão acerca deste círculo traçado por Descartes, é a seguinte:

“Mas, a fim de que eu vos faça entender tudo isso distintamente, quero, principalmente, vos falar da estrutura dos nervos e dos músculos, e vos mostrar como, unicamente do fato de, os espíritos que estão no cérebro se apresentarem para entrar em alguns nervos, eles têm a força de mover, no mesmo instante, algum membro.”⁹

Os espíritos animais, todavia, convergem para si uma importante função, neste conceito de corpo instaurado por Descartes. A possibilidade que arriscamos em tomar como fundamental no pensamento de Descartes, é a de que os espíritos animais, abrigados no corpo, seriam o ponto de mediação entre corpo e alma, ou entre corpo e humores, corpo e pensamento, corpo e paixões ou afetos. Esta nos parece ser a perspectiva perseguida por Descartes. O filósofo promove nesta investida a seguinte linha de raciocínio: Ora, se os espíritos animais dizem respeito àquele vento ou chama mais sutil, estando os espíritos animais em constante movimento no corpo, este possuirá seus músculos, que podem fomentar ou não, uma força capaz de os enrijecer de acordo com o movimentos dos espíritos animais abrigados no corpo.

Nesta perspectiva, aos espíritos animais é atribuída uma posição muito importante, pois este corpo simplesmente se move, desde que os espíritos animais possam “escoar” do cérebro para os nervos, e assim interferir no movimento dos membros. Assim nos orienta a pensar Descartes quando se refere à relação entre espíritos animais, nervos, cérebro, e por fim todo movimento do corpo, que realiza seus gestos “somente pela força dos espíritos animais que escoam do cérebro para os nervos.”¹⁰ Mais adiante, Descartes evidencia a relação entre os

⁹ *Tratado do homem*, Descartes; pág. 132.

¹⁰ *Idem*, pág. 137.

espíritos animais e os membros do corpo humano: “os espíritos animais podem causar alguns movimentos em todos os membros onde alguns nervos têm suas terminações”.¹¹

Dos espíritos animais à alma

Todavia, o percurso dos espíritos animais como um “vento ou chama muito sutil”¹² que governa os movimentos do corpo e seus membros, coincide mais precisamente ao que os sentidos, enquanto capacidade da percepção e sensibilidade, possuem de importante na recepção dos objetos externos e no modo de atingir a alma. A descrição e as observações daí decorrentes da relação, a saber, a relação entre os espíritos animais e o aparato sensorial do corpo humano, é evidenciada como perspectiva e interesse de Descartes em uma precisa passagem: “os espíritos animais seguem seu curso através dos poros do cérebro, e como esses poros estão dispostos, quero vos falar aqui, particularmente, de todos os sentidos”.¹³

Neste momento do texto de Descartes, temos uma rica conjunção de descrições, um a um, de cada sentido e sua condição de recepção dos objetos externos, uma minúcia de certo muito perspicaz. Contudo, é neste contexto de tentativa de recurso de observação, em tomar o aparato sensorial como ponto de movimento em relação aos espíritos animais, que acabamos sendo levados mais adiante ainda do simplesmente aparato sensorial, e observar, a partir da leitura de Descartes, ao que os espíritos animais também interferem: a saber, os sentimentos. E deste modo nos aproximar daquela relação que fundamenta nossa interpretação, e que aponta para a possibilidade de que os espíritos animais em Descartes ocupam posição de mediação da relação entre o corpo e alma.

Por outro lado, Descartes procura também nesta parte do *Tratado* que versa sobre *O Homem*, em sua compreensão de unidade entre corpo e alma, o interesse em demarcar que

¹¹ Idem, pág. 138.

¹² Idem, pág. 137.

¹³ Idem, pág. 142.

neste corpo ao qual temos uma minuciosa descrição de seu funcionamento, há uma possibilidade de unir-se à uma alma racional. O que pode nos levar para a decorrência adversa desta afirmação, a saber, a leitura de que, uma vez podendo esse corpo unir-se a uma alma racional, existirá então a possibilidade desse corpo ser também desprovido de uma alma racional. Vejamos a seguinte passagem do texto de Descartes relacionada a este momento de nossa leitura:

“Quando Deus, unir uma alma racional a essa máquina (...), ele lhe dará sua sede principal no cérebro e a fará de tal natureza que, de acordo com as diversas maneiras pelas quais serão abertas as entradas dos poros que estão na superfície interna desse cérebro por intermédio dos nervos, ela terá diversos sentimentos.”¹⁴

Ora, se os espíritos animais movimentam-se do cérebro aos nervos, movendo os membros que se estruturam nos limites do corpo humano, Descartes nesta passagem dá um passo adiante em demarcar que ao percorrer os limites do corpo, os espíritos animais incidem de modo mediador nos sentimentos aos quais somos tomados. Isto significa: a provocação de sentimentos na alma causados pelo movimento, força e intensidade destes chamados espíritos animais em nosso corpo. E justo neste ponto a relação corpo, espíritos animais e alma, começa a ganhar um outro ajunte.

Contudo, devemos avançar um pouco mais na leitura de Descartes na direção de uma melhor precisão da nomeação de “espíritos animais” e sua circunscrição no corpo, e nos possibilitar um ponto de mediação à compreensão de que tais espíritos animais também incidem, por intermédio do próprio corpo, no modo como os sentimentos nos sobrevêm, de maneira a encontrarmos uma perspectiva de unidade entre corpo e alma, enquanto cisões conceituais, na leitura que fazemos de Descartes.

Por sentimentos Descartes toma como exemplo a medida e intensidade destes espíritos animais a partir da compreensão de que, uma vez que a estrutura do corpo humano, que ele associa ao funcionamento de uma máquina, retrai seus nervos abruptamente, de modo aos

¹⁴ Idem, pág. 143.

espíritos animais incidirem de outra maneira no cérebro, isto dará alma, por exemplo, o sentimento de dor. Assim compreendemos a leitura da seguinte passagem:

“Assim, primeiramente, se os filetes que compõe a medula desses nervos forem puxados com tanta força que eles se rompam e se separem da parte à qual estavam unidos, de forma a estrutura de toda a máquina se torne de alguma maneira menos completa, o movimento que eles causarão no cérebro dará ocasião à alma, à qual importa que o lugar de sua permanência se conserve, de ter o sentimento de *dor*.”¹⁵

Em outra camada de compreensão identificamos a precisa relação entre o que Descartes chama de “movimento no cérebro”, e com o que corresponde na alma como possibilidade de dar “ocasião à alma” deste ou daquele sentimento. O que nos chama a atenção é que Descartes afirma que, como causa dos sentimentos, teremos então esta oscilação e movimento no corpo dos tais espíritos animais. O que leva o filósofo à constatação de que mesmo o sentimento da *dor*, enquanto sentimento provocado na alma, e também o sentimento de “volúpia corporal”, que pode ser compreendido como “cócegas” na alma, possuem enquanto causa o mesmo. A saber, o corpo e movimento e intensidade dos tais espíritos animais, entre dor e “cócegas” na alma, possuem uma e mesma origem, no entanto seus efeitos sobre a alma sejam precisamente muito distintos. Segundo Descartes, para recorreremos com melhor precisão aos termos utilizados pelo filósofo,

“um movimento no cérebro que, testemunhando a boa constituição dos outros membros, dará ocasião à alma de sentir uma certa volúpia corporal que chamamos de cócegas, e que, como vós vereis, estando muito próxima da dor em sua causa, é totalmente contrária ao seu efeito”¹⁶

¹⁵ Idem, pág. 143-144.

¹⁶ Idem, pág. 144.

As paixões da alma em Descartes: O nexo corpo alma e espíritos animais

A indicação precisa da posição dos chamados espíritos animais como participantes do movimento do corpo para Descartes, entendemos ser o percurso do pensador na obra *O tratado do homem* no intuito de demonstrar que a força e intensidade da agitação destes espíritos no corpo correspondem a certos movimentos no próprio corpo, bem como sua recepção de objetos por mediação do aparato sensorial, e que envolvem todavia a oscilação dos espíritos animais no corpo.

Contudo, pretendemos a partir de agora, indicar um outro percurso de pensamento que se articula como um todo na filosofia de Descartes, acerca da relação entre corpo e alma, ao passo que até este momento, através da leitura do *Tratado do homem*, realizamos um movimento de pensamento que investiga o conceito do que sejam estes tais espíritos animais, que atendem pela designação de um movimento ou chama muito sutil em constante circulação no corpo, como encontramos nesta passagem de Descartes em que ele afirma:

“sabe-se que todos esses movimentos dos músculos, assim como todos os sentidos, dependem dos nervos, que são como pequenos fios ou como pequenos tubos que procedem, todos, do cérebro, e contêm, como ele, certo ar ou vento muito sutil que chamamos espíritos animais.”¹⁷

Nesta direção, a partir da leitura, sobretudo da primeira parte do *Tratado das Paixões da Alma*, o movimento descrito nos parece tomar um ponto de partida oposto ao *Tratado do homem*, se nesta obra o corpo é ele mesmo pormenorizado, partes, sensações distintas descritas, nos parece que nas *Paixões da alma*, a intenção é tomar como ponto de partida a própria alma, que é a casa das paixões, e que em suma não é corpo, e se familiariza com o pensamento.

Todavia, Descartes nos parece apontar para uma posição em que a indicação da cisão e distinção da natureza do corpo e da natureza da alma, possuem sua tensão justo na mediação

¹⁷ As paixões da alma. Art. 7.

da agitação dos espíritos animais nas paixões. Sendo as paixões o nexos umbilical e o que em sua metafísica lemos como a relação entre corpo e alma. Contudo, para que melhor possamos compreender o lugar e natureza dos espíritos animais cabe-nos agora delimitar de que lado tende a natureza destes espíritos. Por um lado, se nesses espíritos situamos o ponto de mediação entre corpo e alma, por outro, a sua natureza, como nos afirma Descartes, é a condição de serem corpos, como nos demonstra essa passagem ao *Tratado das Paixões*:

“o que denomino aqui espíritos não são mais do que corpos e não têm qualquer outra propriedade, exceto a de serem corpos muito pequenos e se moverem muito depressa, assim como as partes da chama que sai de uma tocha; de sorte que não se detêm em nenhum lugar e, à medida que entram alguns nas cavidades do cérebro, também saem outros pelos poros existentes na sua substância, poros que os conduzem aos nervos e daí aos músculos, por meio dos quais movem o corpo em todas as diversas maneiras pelas quais esse pode ser movido”¹⁸

Nesta direção, o movimento destes espíritos no corpo, para Descartes, precisa ser identificado quanto às suas causas, isto é, o que pode influenciar a disposição destes espíritos desta ou daquela maneira. E é justo neste ponto que encontramos uma indicação do nexos entre corpo e alma via espíritos animais. Descartes afirma que, uma das causas dos espíritos moverem-se desta e não daquela maneira, é justo a alma: “a ação da alma, que é verdadeiramente em nós uma dessas causas”¹⁹. A disposição dos espíritos no corpo terá também como causa a “diversidade dos movimentos excitados nos órgãos dos sentidos por seu objetos”²⁰, e por fim como causa dos movimentos dos espíritos o seu percurso através do cérebro, músculos e nervos.

Neste sentido, Descartes aponta para a compreensão de que também os objetos externos que nos chegam por mediação da sensibilidade, na medida que ultrapassam a sua condição de sensação diante de objetos, nos chega até a alma enquanto pensamento, não de outra maneira senão através da representação. Isto é, tudo que nos chega primordialmente

¹⁸ Idem, Art. 10.

¹⁹ Idem, Art. 12.

²⁰ Idem, Art. 12.

através dos sentidos, é posto para a alma por meio da representação. Em outros termos poderíamos afirmar que os objetos externos, como também os apetites internos, promovem certo movimento e agitação dos espíritos animais no corpo e que esta agitação dos espíritos provoca a alma a tomar o objeto ou o apetite, por meio de uma representação, sendo esta representação o que produz na alma os sentimentos. De acordo com o filósofo:

“é fácil conceber que os sons, os odores, os sabores, o calor, a dor, a fome, a sede e, em geral, todos os objetos, tanto dos nossos demais sentidos externos como dos nossos apetites internos, excitam também alguns movimentos em nossos nervos, que se transmitem por meio deles até o cérebro; e além de esses diversos movimentos do cérebro fazerem com que a alma tenha diversos sentimentos”²¹

Assim, o movimento descrito por Descartes, de representação dos objetos ou apetites naturais por mediação da agitação dos espíritos e que incide até a alma, nos aproxima sobretudo de sua compreensão acerca da articulação entre corpo e alma que é caracterizada também como percepção. Percepção será então um outro contorno ou ajunte do que chamamos paixões, sendo as paixões não tão e simplesmente corpo, ou tão somente pensamento, mas o ajunte entre corpo e alma. Segundo Descartes, as nossas percepções serão de duas espécies; “umas têm a alma como causa, outras o corpo”²².

Às percepções relacionadas ao corpo, designamos os “apetites naturais” ou “afecções”²³, que sentimos através do corpo. Sendo as percepções relacionadas à alma, as paixões como a alegria ou a cólera. Assim, Descartes entende que tais percepções, seja por intermédio do corpo ou pela alma, podem ser “verdadeiramente paixões com respeito à nossa alma”²⁴, mas que a proposta neste trabalho é abordar com certa restrição as paixões mais vinculadas à alma, o que podemos designar como sentimentos ou emoções. E que o “curso fortuito dos espíritos”²⁵ incide de maneira decisiva na provocação desta ou daquela paixão na

²¹ Idem, Art, 13.

²² Idem, Art 19.

²³ Idem, Art. 24.

²⁴ Idem, Art, 25.

²⁵ Idem, Art, 25.

alma, que para Descartes é uma percepção. É nesta direção que Descartes pretende encaminhar a sua definição do que sejam as paixões da alma, sobretudo a partir de sua compreensão das paixões como percepção e o lugar dos espíritos animais em sua definição das paixões. Assim lemos no *Tratado das Paixões*:

“Depois de haver considerado no que as paixões da alma diferem de todos os seus outros pensamentos, parece-me que podemos em geral defini-las por percepções, ou sentimentos, ou emoções da alma, que referimos particularmente a ela, e que são causadas, mantidas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos”²⁶

Justamente neste ponto, encontramos uma das passagens na obra de Descartes em que a posição ocupada pelos espíritos animais como mediação entre corpo e alma possui o estatuto de condição necessária para o surgimento das diversas paixões na alma, de maneira que os espíritos animais são lançados à posição de causa das percepções ou paixões da alma, e não somente encontram-se na posição de causa como também participam, todavia, do ciclo que envolve cada paixão específica, de modo que Descartes chega também a afirmar que as paixões são causadas “sustentadas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos.”²⁷

Da noção de espíritos animais como neuromediadores

Uma associação levantada, e que precisa ser melhor investigada, é a indicação de que os espíritos animais descritos por Descartes se aproximam do que as neurociências modernas irão chamar de neuromediadores. É no texto de Cláudia Murta que encontramos esta indicação: os “espíritos animais seriam os equivalentes aos nossos atuais neuromediadores”²⁸. Para que possamos melhor compreender alguns dos traços dessa associação entre espíritos animais e

²⁶ Idem, Art. 27.

²⁷ Idem, Art. 29.

²⁸ Murta, Cláudia. Humanização, corpo, alma e paixões. Nead/UFES. Vitória/ES.2009; pág. 47.

neurotransmissores, faz-se necessário, fazer um recuo em relação aos pressupostos da filosofia de Descartes.

De acordo com o que encontramos no texto da filósofa e psicanalista Cláudia Murta em seus estudos a partir de Descartes, a filosofia cartesiana se inscreve, sobretudo quando começa a empreender o estudo das paixões, desde a perspectiva da fisiologia mecanicista, como um importante traço de sua filosofia mecanicista, na qual uma específica noção de organismo é instaurada. Nesta direção, “A concepção cartesiana de organismo inscreve-se no quadro da filosofia mecanicista, que tem como postulado fundamental a interpretação da natureza em termos de matéria e movimento.”²⁹

Ora, a noção de espíritos animais na filosofia de Descartes irá atender, a estes dois traços conceituais: matéria e movimento. Como causa da possibilidade de gerar esta ou aquela paixão na alma, encontramos uma base material, a saber, os espíritos animais que ocupam lugar importante no estudo das paixões da alma e do corpo. Mais adiante nos indica Cláudia Murta a respeito da posição importante dos espíritos animais no contexto da filosofia de Descartes que toma mais como referência a física e as ciências naturais, diferente da tradição escolástica, que tomava a matemática como principal referência. Deste modo, encontramos a seguinte passagem a respeito do texto cartesiano:

“Assim, as explicações cartesianas sobre as funções do organismo tomam por base a física... (...) Nos textos que se voltam para o estudo dos seres vivos, as partículas nomeadas espíritos animais estão na base de todo o processo de locomoção e de percepção do homem: elas são produzidas no cérebro e daí vão para os nervos, possibilitando tanto a locomoção como a sensação. (...) Tudo se reduz a partículas em movimento, quantitativamente diferentes, que se chocam e estão na base do funcionamento do organismo.”³⁰

Nesta direção, a associação da noção de espíritos animais com o que as neurociências chamam de neuromediadores, ganha uma melhor contextualização, a medida que

²⁹ Murta, Cláudia. Humanização, corpo, alma e paixões. Nead/UFES. Vitória/ES.2009; pág. 39.

³⁰ Idem.

compreendemos o traço de matéria e movimento que perpassa a filosofia cartesiana. Um preciso trecho a respeito dos espíritos animais como corpos, físicos, materiais, partículas, encontramos no Tratado das paixões, e nos parece este ser um ponto de partida para uma melhor investigação a respeito dos neuromediadores e sua associação com a noção de espíritos animais, o que seria tema para outro estudo. A passagem de Descartes a qual nos referimos é a seguinte: “o que denomino aqui espíritos não são mais do que corpos e não têm qualquer outra propriedade, exceto a de serem corpos muito pequenos e se moverem muito depressa...”³¹ Desta maneira, encontramos nos espíritos animais, a base física e material da filosofia de Descartes, de modo a situar a agitação destes espíritos no corpo como o ponto de precipitação na alma do universo das paixões. Assim como nos indica o texto de Cláudia Murta a respeito da posição dos espíritos animais na teoria cartesiana em seu empreendimento no estudo das paixões, segundo a pesquisadora: “Os espíritos animais são, na teoria cartesiana, os elementos materiais, cuja movimentação permite à alma sentir a paixão.”³²

Referências bibliográficas

DESCARTES, René. *O mundo (ou o Tratado da Luz) e O homem/ Apresentação, apêndices, tradução e notas: César Augusto Battisti, Maria Carneiro de Oliveira.* – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

_____. *As paixões da alma*, in Os Pensadores, ed. Abril, Rio de Janeiro, 1979.

MURTA, Cláudia & MAMERI FILHO, Justino. *Humanização, corpo, alma e paixões.* Nead/UFES. Vitória/ES. 2009.

³¹ As paixões da Alma, Art. 10.

³² Murta, Cláudia. Humanização, corpo, alma e paixões. Nead/UFES. Vitória/ES.2009; pág. 47.